

Mulher à esquerda do Espelho.

I.

Se, porventura, alguém atravessasse a praça Buenos Aires saindo das imediações da Avenida Santa Angélica rumo a Rua Piauí tarde da noite, daria de cara com o elegante edifício de sete andares.

Tarde da noite, como aquela noite, quem, porventura, estivesse a esmo por Higienópolis (como finjo que estou) próximo ao elegante edifício, com certeza, se depararia com o sétimo andar iluminado.

Acho que enlouqueço: pessoas tem desaparecido em Higienópolis. Primeiro o Barão de Bocaina. Depois o médico que morava perto da Praça Vilaboim. Na Rua Marquês de Itu o Senhor Doutor Jacques Pilon também não dá as caras já faz semanas: o que se passa em Higienópolis fica em Higienópolis.

A primeira vez que vi a moradora do sétimo andar foi *avec le manteau rouge* em um dos jantares dos Palatnik. Fumava. Cabelos para trás, olhos pintados, brincos a descer pelos ombros, era Musidora, era Pola Negri. Não, era uma Theda Bara. Me lembrou uma Louise Brooks com as pontas dos dedos levemente sujas de tinta. Quando soubemos que ela iria ser nossa mais nova vizinha, houve pequeno desconforto. Sozinha porque duas vezes desquitada e não viúva, sem filhos naquele edifício modernista mas, aparentemente, nunca solitária pois víamos movimentação, música e convidados muito além da hora do jantar, a minha confusão fica na sua verve francesa e sua família tradicional de Capivari. Uma pequena desgarrada com ensino superior. Tentei chegar próximo e desfrutar de sua companhia, mas foi impossível, teria que entrar em uma fila.

Ando sempre com charutos. Um prazer que me consome. Quando moradores da região começaram a desaparecer, pela minha experiência e modesta discrição, passei a me inteirar. Todas as noites, a pretexto de fumar fora de casa, finjo sair a esmo pelas ruas do bairro e não mais que uma vez, como hoje, novamente nesse vórtice, sou tragado para dentro da praça Buenos Aires, saindo das imediações da Avenida Santa Angélica, meus pés como se com vida própria a caminhar sem pausa até que meus olhos possam alcançar o sétimo (e único) andar iluminado do prédio onde a pintora vive.

Foi só quando o Senhor Doutor Jacques Pilon foi visto pela última vez a sair de sua casa com uma figura estranha ao bairro, coberta com uma manta longa que fazia seu rosto desaparecer pelas dobras do pano, que resolvi entrar em sua residência e aquele cheiro. A casa impecável, nada fora do lugar, mas aquele cheiro a emanar de leve como se saísse pelas paredes.

Pilon não foi a primeira pessoa de minha convivência a sair de casa e não mais voltar, não foi a única a sair acompanhada por alguém que não foi reconhecido pelos vizinhos e desaparecer sem deixar rastro, todos se conhecem em Higienópolis, que mal nos espreita? E é quando me dou conta: através das cortinas do sétimo andar uma figura interrompe seu trajeto. Ela está na contraluz e parece jogar *um olhar* em minha direção. Talvez a chama do meu charuto, no meio dessa noite escura de São Paulo, tenha chamado atenção. Eu, esse pequeno ponto de luz do outro lado da rua a mirá-la e *ela* (?), essa sombra que se projeta deformada pelo vento nas cortinas, a me ressoar de volta.

Aceno.

Espero uma resposta que não vem.

Aceno novamente, agora, com o charuto na mão.

A cortina é aberta. A figura, pouco definida nos meus olhos de mais de sessenta anos, se debruça sobre o parapeito.

II.

Na luz do ateliê Tarsila tem vivido muito esse momento de dúvida. Esse eterno questionamento se existe na ponta de seus dedos algum tipo de talento ou tão somente esforço hercúleo para que Nada vire Alguma Coisa na tela em branco. Depositou sua piteira e a taça de vinho em um canto do quarto. A verdade é que, no fim das pinceladas, no fim das horas que se alongam enquanto raciocina a proporção, quando parece não mais ter de onde tirar o que quer que seja, a figura aparece. Nada no mundo pode fazer que acreditem nisto: a voz por trás das camadas frescas de tinta.

Somos fortes e vingativas como o Jaboti.

Fala que ela mesma não sabe se vem de dentro ou de fora. No matriarcado de Pindorama essa alegria que dizem que se vive é a prova dos nove e do sétimo andar, ela, em transe, pensa nessa vida isolada no suburbano do mundo.

Abaporu gosta de sangue. Abocanha pelos pés e engole depois de mastigar bem mastigadinho. É o que acontece aqui, na escuridão do bairro, nas noites insones dos desprevenidos, atravessando sem ser vista pelas sombras, contra toda a catequese, sem gramática, sem corpo:

Abaporu faz a festa e

ao contrário do que todos pensam, Abaporu não é ele

É ela.

*

É ela quem escuta o charuto lá fora. Há dias o advogado aposentado quer se tornar herói, na espreita de uma mulher desquitada que mora no sétimo andar e que só quer pintar seus quadros em paz.

Abaporu se instiga.

Ele quer conhecer Abaporu? Ele quer?

A frase saindo como silvo da boca pequena e ofídica. Tarsila abre a cortina da janela e se debruça, decidiu oferecer a chance que ele parece implorar. O advogado acha que se esconde na escuridão, mas Abaporu vê na noite. Nos olhos pequeninos de Tarsila, o advogado quase se vê refletido.

III.

Quem, porventura, entrasse no sétimo andar do Edifício Santo André (como eu, agora), nunca imaginaria que poderia se deparar com tamanha elegância. Com o sol de São Paulo brilhando pelas janelas e refletindo na cristaleira, com a mesa de café posta, queijo de minas e doce de goiaba, biscoitos e bolo de nata, Tarsila em nada se parece com a imagem que alimentei durante esses dias. Não é uma sombra de Murnau a se espalhar pela parede, ou uma vedete do cinema mudo, ora, mas que cabeça a minha. Sob a luz do dia não há mistério. Enlouqueço?

Os quadros devem ficar em outro lugar, em algum quarto feito de ateliê escondido por entre os móveis bem-posicionados, devem valer fortuna. Quase me atrevo a pedir para vê-los de perto, quem sabe tocá-los, teria ela uma agente, um amante, mas a dama não me oferece o espaço necessário. Como pude pensar que tal criatura podia ter algo a ser relacionado aos desaparecimentos que, para minha surpresa, abordo sem qualquer restrição.

E estão mesmo desaparecidos?

Sim, madame.

Mas que horror. E não chamam a polícia por quê?

Engasgo com o bolinho e essa fica sendo minha resposta.

Apenas eu desfruto do *déjeuner*, minha anfitriã só fuma e me oferece sempre mais um pouquinho. Estou com mais fome do que pensei que estivesse e provo de tudo e me refastelo e me engasgo e tomo um pouco de água e, para fazer a digestão, um trago de cachaça, ela diz.

Um só: um pouco para o santo, outro tanto para o sono.

Não entendo.

Da minha terra. A melhor que o senhor pode provar.

*

Me sinto perdido quando saio do Edifício Santo André. Sinto que fui rude ao ficar na casa da ilustre dama mais tempo do que supunha ser educado. Sinto, mas não sei explicar como

esse lapso foi possível. Galli Mathias, como isso foi possível? A conversa tinha sido agradável, mas posso ter me enganado, agora que percebo meu estado de embriaguez.

Desço a Avenida Santa Angélica e, automaticamente, me perco na praça Buenos Aires. É como se esses metros quadrados da quadra arborizada tivessem sido transformados em um labirinto, com a copa das árvores a me impedir de ver para além delas. A noite se fechando em uma paleta mais escura do que estou acostumado, tropeço no meio fio. A cachaça volta pelo esôfago em um refluxo ácido.

Foi a partir do momento que descí as escadas do prédio e atravessei seu pórtico, foi a partir desse momento que, tenho certeza, venho sendo seguido. É a sombra que se funde com a calçada, que se alonga pelas árvores, que chacoalha com o vento, pés enormes, mãos gigantescas, a sombra que se transforma no meu próprio medo a cada passo errático que dou pelas ruas quietas de Higienópolis, dobrando a esquerda na Rua Sergipe, seguindo até a Itacolomi para me derramar pela Rua Mato Grosso e perceber meu rosto colado ao portão do Cemitério da Consolação. Não. Ninguém que pode me socorrer porque já sinto a sombra a me devorar devagar a começar pelos pés, a me mastigar os calcanhares, monstro com boca de serpente, medusa decapitada a sugar com seu cabelo de língua meu sangue e padeço em um buraco que tritura: eu virando papa na boca da Musa.

Perguntei a um homem o que era o Direito.

Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade.

Chamava-se Galli Mathias.

Comi-o.